

O esquerdista caloteiro



2020

Conteúdo

Fracassados, vira-casacas e desonestos	3
Recusar-se a conversar com colegas de trabalho	4
Militância onde menos se espera	5
Por que é assim?	5

MK Lees e Marianne Garneau analisam o histórico ruim dos esquerdistas em campanhas de organização no local de trabalho

Muitas vezes, ao começar a organizar, existe a tentação de se concentrar nas pessoas que você acha que podem ser politicamente de esquerda, de entrar em contato com essas pessoas primeiro ou até mesmo de convidá-las para o seu comitê organizador.

“Ele está na DSA (Socialistas Democráticos da América)”

“Ela publica memes de guilhotina”

“Eles usaram uma daquelas camisetas da ‘Greve Geral’ do IWW para trabalhar um dia!”

Essas pessoas já são ideologicamente pró-sindicatos, portanto, devem estar predispostas a se envolver em uma luta de classes, certo?

Não é bem assim. Em quase todas as campanhas em que nós dois estivemos envolvidos e em dezenas de histórias de colegas organizadores, a tendência esmagadora é que esquerdistas orgulhosos se mostrem como desleixados, na melhor das hipóteses, ou ativamente prejudicando a organização, na pior. Aqui estão apenas alguns exemplos.

Fracassados, vira-casacas e desonestos

Em uma campanha emblemática do IWW, toda a equipe se inscreve no IWW, com exceção de uma pessoa que não se inscreveu. Essa pessoa sempre foi *“muito entusiasmada”* nas mídias sociais sobre questões de justiça social, diz um colega de trabalho. *“Sempre postando sobre sindicatos, problemas com racismo, imigração, desigualdade econômica... Um cara ativista do trabalho.”* Mas quando chega a hora de tirar um cartão vermelho, ele se recusa e até se aproxima do chefe depois que o sindicato se torna público.

Outro trabalhador da mesma campanha, contratado depois que o sindicato se tornou público, é ativo no DSA e *“está sempre arrecadando fundos para organizações de justiça e ONGs”*, de acordo com outro trabalhador. Mas, ao contrário da maioria de seus colegas de trabalho, ele se recusa a se filiar ao sindicato.

Durante a greve no Mini Mart, no final da década de 1990, a única pessoa a ser fura-greve é um esquerdistista e fã de Noam Chomsky.

Um trabalhador do noroeste do Pacífico que está tentando organizar sua pequena loja conta o seguinte sobre um colega de trabalho:

Eu o conheci por meio de círculos de ativistas solidários de Rojava antes de começar a trabalhar lá. Ele é o tipo de “professor de esquerda” da loja, lê todos os livros de filosofia e ouve os livros de Murray Bookchin em uma fita cassete. Ele me perguntou sobre organização uma vez, há cerca de seis meses, de improviso, almoçamos e tivemos uma breve conversa sobre o assunto. Tentei entrar em contato com ele regularmente por um tempo, mas ele ignorou minhas mensagens. Quando finalmente consegui falar com ele pessoalmente, ele me disse que “o anarco-sindicalismo é uma prática revolucionária fracassada para o capitalismo tardio”, que os sindicatos haviam perdido sua utilidade como veículo revolucionário e que ele estava planejando abrir uma pequena empresa.

Um organizador do SEIU, envolvido em campanhas de professores pós-secundários, relata como é difícil contratar acadêmicos de esquerda:

Havia um professor adjunto na faculdade com quem eu e meu colega de trabalho fomos conversar. Meu colega de trabalho estava ouvindo a palestra dele antes do final da aula. Era tudo sobre feminismo, bell hooks e ideias radicais e revolucionárias. Mas essa pessoa não estava interessada, nem apoiava de forma alguma o sindicato. Já vi isso muitas vezes no meio acadêmico: o professor marxista, ou o professor que pode falar sobre ideias realmente radicais, quando se trata de colocar algumas dessas ideias radicais em ação, ele não está em lugar nenhum.

Outro organizador, de outro sindicato, também envolvido em campanhas de professores, oferece um problema frustrantemente semelhante: “muitos professores se recusam a se envolver com o sindicato porque ele não é suficientemente de esquerda. Não é anarquista o suficiente”. Alguns, diz ela, “se recusam até mesmo a assinar um cartão”.

De fato, os esquerdistas costumam usar sua política para argumentar por que não devem se filiar ao sindicato. No Sindicato dos Mensageiros de Chicago da IWW, em meados dos anos 2000, um mensageiro era membro do Partido Mundial dos Trabalhadores. Nas poucas ocasiões em que compareceu às reuniões, ele se opôs à ideia de o IWW ser o sindicato dos mensageiros e, em vez disso, defendeu a convocação do SEIU. Mas ele nunca fez nada para organizar seus colegas de trabalho ou apoiar a organização que estava ocorrendo.

Esquerda demais, esquerda de menos, um esquerdista adora “calibrar” o sindicato. Considerando o pouco que essas pessoas fazem para construir poder com seus colegas de trabalho, muitas vezes isso parece ser pouco mais do que uma desculpa.

O problema com os esquerdistas nem sempre é uma questão de descaso. Às vezes, os esquerdistas se envolvem, mas de forma muito perturbadora. Um membro de uma campanha do IWW em um restaurante lembra que um colega de trabalho anarquista que se autodenominava anarquista era o membro do comitê mais perturbador. Ele gritava com os colegas de trabalho que faziam coisas erradas e, quando lhe pediram para fazer um relatório após um desses incidentes, simplesmente saiu do sindicato e falou mal deles pelas costas.

Outros membros da campanha lembram-se de esquerdistas fazendo acrobacias radicais fora do planejamento de seus colegas de trabalho – na verdade, há uma seção inteira do Treinamento de Organizadores 102 da IWW sobre o que fazer com os colegas de trabalho que não prestam contas ao comitê. Talvez pensando que sabem tudo, os esquerdistas às vezes parecem menos capazes de colaborar com seus colegas de trabalho. Um organizador de um sindicato convencional que também faz parte do IWW observa que um padrão comum dos esquerdistas é “Sempre, sempre ver as diferenças de opinião políticas ou estratégicas como muito pessoais e como um ataque pessoal”.

Recusar-se a conversar com colegas de trabalho

De longe, o padrão mais comum que vemos, no entanto, é o de esquerdistas que não querem ou não conseguem entrar em contato e conversar com seus colegas de trabalho no que chamamos de “um a um”. É verdade que essa é uma perspectiva assustadora para muitos trabalhadores, mas parece ser realmente mais um obstáculo para os esquerdistas.

Uma organizadora do cinturão da ferrugem se lembra de quando uma dúzia de membros do DSA a abordou para organizar seu local de trabalho, uma empresa de tecnologia. Ela se reuniu com eles como funcionária do sindicato convencional para o qual trabalha. “Eles formaram um comitê”, lembra-se. “Eram apenas os esquerdistas. Eu disse: ‘você precisam começar a fazer reuniões individuais’. Eles ficaram muito receosos com isso.”

Alguns participaram do Treinamento 101 para Organizadores do IWW, que detalha cada uma das etapas envolvidas na conversa com os colegas de trabalho – convidando-os para conversar fora do trabalho, fazendo perguntas sobre seus problemas – confrontando todos os constrangimentos e armadilhas de frente por meio de dramatizações e discussões em grupo. Mesmo assim, os membros da DSA não abordaram seus colegas de trabalho.

“Depois disso, todos nós nos reunimos com o Diretor de Organização”, diz o organizador. “Fizemos um mapeamento do local de trabalho e lhes dissemos quais seriam as próximas etapas: fazer uma lista. Comecem pelo menos a construir relacionamentos com os colegas de trabalho. Conversem com as pessoas, tornem-se amigos. Isso se tornará mais fácil à medida que você fizer isso.”

Como não havia mais nada a fazer a não ser começar a conversar individualmente, “todos eles desapareceram da face da Terra. Pararam de se organizar. Disseram: ‘Sim, estamos com medo. Nós até gostamos de nossos chefes’”. Os funcionários apontaram que sua empresa tinha acabado de ser comprada por uma multinacional que já estava fazendo cortes nos benefícios. “Dissemos: ‘Pessoal, vocês precisam conversar com seus colegas de trabalho’. Eles simplesmente não quiseram.”

Em vez disso, os membros da DSA fizeram algo que muitos esquerdistas fazem hoje em dia: passaram por cima de seu próprio local de trabalho e procuraram ativismo que não envolvesse conversas individuais ou confronto com o chefe. Eles organizaram uma grande arrecadação de fundos para uma organização sem fins lucrativos chamada Justice is Global.

O organizador foi, a convite deles. *“Foi uma loucura. Havia vinte pessoas lá, e quase todo mundo era do seu local de trabalho. Eles teriam dobrado o tamanho do comitê se tivessem conversado com as pessoas naquela sala sobre um sindicato.”*

“Eles diziam: ‘Precisamos entrar em contato com outros trabalhadores do mundo’. Você já entrou em contato com seus próprios colegas de trabalho?” [A empresa multinacional para a qual trabalham] é uma das maiores empresas do mundo. Essa é uma forma de entrar em contato com outros trabalhadores. Você tem a maneira perfeita de fazer isso: por meio de um sindicato”.

Isso se tornou um padrão. Os esquerdistas se sentem muito mais à vontade para se aproximar de outros radicais ou se envolver em ativismo – inclusive para ajudar trabalhadores pobres e oprimidos em outros lugares – do que para organizar seus próprios locais de trabalho. Os esquerdistas divulgam nas mídias sociais uma greve geral e conclamam a classe trabalhadora a se levantar, mas se recusam a ter essa mesma conversa com as pessoas com quem trabalham.

Militância onde menos se espera

Enquanto isso, considere alguns exemplos inversos.

Durante uma campanha do IWW em Chicago, Steve, um ex-trabalhador de chapas metálicas, recusou-se a apoiar o sindicato quando abordado sobre o assunto. Anos antes, ele havia sido expulso de seu emprego pelos patrões e pelo sindicato, e seu conceito do que significava um “sindicato” havia sido colorido por uma história desagradável.

Se a campanha do IWW tivesse envolvido uma eleição sindical, ele provavelmente teria votado “*não*”. Mas quando se tratou de ação no chão de fábrica, ele surgiu na frente da luta. O sindicato foi cuidadosamente planejado para uma paralisação do trabalho com o objetivo de ganhar um salário mais alto, e Steve liderou a ação e até aceitou uma posição como um dos dois representantes dos trabalhadores na negociação com a gerência.

Um dos organizadores de campanhas do corpo docente mencionado acima reflete que, em uma campanha entre funcionários adjuntos, * “os líderes dos trabalhadores, aqueles que estavam mais ativamente engajados na formação do sindicato desde o início, estavam no departamento de negócios, no departamento de justiça criminal, e alguns deles eram politicamente conservadores”.*

Os lutadores mais capazes e militantes que surgem em uma determinada campanha geralmente são pessoas que não tinham nenhum compromisso com a esquerda antes, ou mesmo nenhuma experiência sindical anterior. Há uma razão natural para isso: as pessoas estão lutando com o coração, pelo que realmente importa para elas e suas famílias. Sua motivação não vem de uma política abstrata, como é o caso de alguns esquerdistas.

Quando a campanha Stardust do IWW – a maior da história recente do sindicato – decolou, um organizador amigo nosso comentou que o motivo era o fato de não haver esquerdistas envolvidos. Em vez disso, os trabalhadores comuns estavam enfrentando o patrão em questões específicas no local de trabalho, fazendo greves, recusas de trabalho e paralisações, e vencendo. Esse continua sendo o caso, à medida que pessoas inesperadas se apresentam em uma determinada questão – com a qual se importam muito – e lideram o ataque.

Da mesma forma, quando “as bases” se levantam em um sindicato convencional, os militantes que surgem são geralmente pessoas comuns que se preocupam apenas com as questões – não os esquerdistas de carteirinha, que podem facilmente atrasar a luta (consulte “The Leftwing Committeeman” do livro *Punching Out*, de Martin Glaberman).

Por que é assim?

Por que tantos esquerdistas são tão dedicados aos sindicatos em suas mentes, mas são tão pobres sindicalistas no mundo fora de suas mentes?

A ideologia política é, para muitas pessoas, uma identidade, não um conjunto de compromissos práticos. Qualquer pessoa que frequente principalmente espaços subculturais, de esquerda ou não, terá

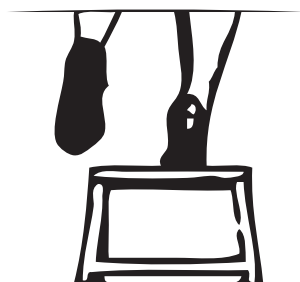
mais dificuldade para se sentir confortável com os “normais”. Pior ainda, a ideologia pode servir como uma maneira confortável de mascarar os medos. Se você pode se recusar a participar por motivos políticos, é muito mais fácil do que reconhecer que tem medo de perder o emprego, assim como seus colegas de trabalho liberais e conservadores.

Mas, felizmente, não estamos buscando organizar os esquerdistas, estamos aqui para organizar a classe trabalhadora.

O que os trabalhadores pensam e dizem sobre os “sindicatos” não reflete como eles se comportarão quando houver uma luta organizada com seu chefe. Como podemos ver acima, os trabalhadores que estão conscientemente comprometidos com o movimento sindical deixarão misteriosamente de retornar as ligações telefônicas. Trabalhadores que talvez nunca falem favoravelmente aos sindicatos arriscarão tudo em uma paralisação do trabalho para manter a cabeça erguida ao lado dos colegas de trabalho.

Qualquer que seja a explicação para esse fenômeno, a correlação é forte demais para ser ignorada. Se você prestar atenção à lição, não apenas deixará de se dirigir aos colegas de trabalho esquerdistas, como também poderá se desviar para evitá-los completamente.

Biblioteca Anarquista



O esquerdista caloteiro
2020

<https://arquivolucyparsons.org/2024/05/22/o-esquerdista-caloteiro/>
Originalmente publicado no blog organizing.work em 2020 e traduzido pelo Arquivo Lucy Parsons.

bibliotecaanarquista.org